Revista Brasileira de Educação em Geografia

ENTREVISTA COM A PROFESSORA NIDIA NACIB PONTUSCHKA:

trajetória escolar, profissional e atuação no ensino de Geografia

Antonio Carlos Pinheiro[1]

antoniocarlospinheiro@uol.com.br



Entrevista com a Professora Doutora Nidia Nacib Pontuschka da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), realizada no dia 01 de fevereiro de 2011 nas dependências do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Ciências Humanas da FEUSP para a Revista Brasileira de Educação em Geografia concedida para o professor Antonio Carlos Pinheiro da Universidade Federal de São Paulo. Na entrevista a professora Nidia aborda sua formação desde a escola básica até o ensino superior, sua atuação como professora na graduação e pós-graduação na USP e suas experiências diversas em trabalhos de assessorias e na Associação dos Geógrafos Brasileiros. Também durante as questões expõe sua visão de educação, de política educacional e de Geografia entre outros temas. Agradecemos a colaboração para a organização, transcrição e revisão da entrevista de Eduardo Souza Falcão.

***Antonio Carlos**: Como foi sua formação inicial na escola básica?*

Profa. Nidia: Minha formação começa no primeiro ano do Grupo Escolar "Amadeu Amaral", localizado no bairro do Belém, Largo São José do Belém, em São Paulo. Lá cursei os 4 anos do primário. Depois fui para uma escola particular porque perto de minha casa não havia ginásio público. Em 1949 fiz admissão e em 1950 entrei para o Ginásio, na escola Manoel da Nóbrega e ficava no Belenzinho, no Maria Zélia. Era um lugar de fábricas antigas onde moravam muitos trabalhadores. As casas foram feitas

[1] Doutor em Geociências pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Professor Adjunto do Departamento de Educação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Campus de Guarulhos, Estrada do Caminho Velho, 333, Jardim Nova Cidade, Guarulhos (SP); CEP 07252-312

pelos empresários para os funcionários. Percebia-se um planejamento urbano pela praça, o traçado das ruas, a igreja, escolas, um campo de futebol. O professor Manoel Seabra quando moço, jogava futebol lá. Disse ele que todos os jogadores queriam ter oportunidade de jogar futebol no Maria Zélia. Era um lugar muito bonito, no final da rua da escola se encontrava um dos meandros do rio Tietê, com a margem esquerda ornada de árvores do tipo "chorão", (ano de 1950). Houve depois a possibilidade de ir para a escola pública. Passei a estudar no Instituto Feminino de Educação "Padre Anchieta", localizado na Avenida Rangel Pestana, no bairro do Brás. Entrei na segunda série do ginásio, que hoje corresponde à 7ª. série. Consegui a vaga com a seleção feita por notas. Para mim foi difícil a adaptação, porque na escola particular não precisava estudar muito para ter notas boas. Assim, quando cheguei à escola pública deparei-me com um ensino muito puxado, e acabei repetindo o segundo ano do Ginásio. Meu pai até antes de morrer dizia: "você foi a única da família que repetiu de ano" (risos). Achei que a repetição foi boa para meu caso, o que não significa que seja boa para outros. Para mim serviu como um aprendizado foi uma lição de vida. Penso que algumas vezes podem nos obrigar a preparar mais para enfrentar a vida. Uma das coisas boas do Instituto Feminino de Educação era a obrigatoriedade de ler, frequentar bibliotecas, como a Mário de Andrade, no centro de São Paulo. Lá eu e minhas colegas íamos fazer consultas para os trabalhos individuais e em equipe, principalmente, no curso Normal. Os professores, tanto do Ginásio como do Normal, eram bons e exigentes. Em sua maioria eram formados pela Universidade de São Paulo (USP). Naquela época para entrar nas Escolas Normais já havia segregação. A escola "Caetano de Campos", na Praça da República, era só para filhas de fazendeiros e de políticos, enquanto o Instituto Padre Anchieta era uma escola boa, mas voltada para a classe média. Já havia uma segregação social para a escola pública, que na época constavam entre as melhores escolas de São Paulo, mas havia poucas escolas do Estado que ofereciam cursos normais. No curso normal tive professores muito exigentes: nós tínhamos que escrever muito, e procurar ter acesso a livros caros, inacessíveis ao nosso poder aquisitivo. O livro didático não era utilizado pela maioria dos professores. Para mim era muito bom porque, em casa, éramos vários filhos e para meus pais adquirir livros didáticos para

todo mundo não era brincadeira. Outro fato que merece ser lembrado eram as "panelinhas" dentro da sala de aula, havia os grupos do pessoal mais rico, da classe média, e os mais modestos como a minha equipe. Nós fazíamos os trabalhos, dávamos aulas para as classes do primário sempre em equipe. Para mim isso foi de extrema valia, porque até hoje eu não sei trabalhar sozinha, sempre integro um grupo, o qual acaba se constituindo como um grupo de amigos. No curso superior, não pretendia, mas alimentava a expectativa de estudar matemática porque era a disciplina que eu ia melhor. A matemática para mim sempre foi um jogo e eu gosto de jogar, pois acho que a vida é um jogo. Fiquei algum tempo com isso na cabeça, até que em conversas com outras pessoas ouvia as ponderações: "você não fez científico, não teve trigonometria, não teve uma geometria mais avançada, é loucura prestar exame na matemática". Daí pensei: "bom, se não for matemática a outra disciplina com que mais tenho afinidade é a Geografia".

AC: *Os exames eram específicos na época para o Ensino Superior?*

Profa. Nídia: Eram os professores do Departamento de Geografia que elaboravam os exames. Para o vestibular, entrava as disciplinas de Geografia do Brasil, Geografia Geral, Língua estrangeira, geralmente Francês. Havia exames escritos e exames orais. Na ocasião do exame vestibular aconteceu um problema comigo. Fiquei doente poucos dias antes das provas e não sabia se valeria a pena me arriscar a me submeter aos exames, mas decidi enfrentá-los. Fui integrante da primeira turma do vestibular de Geografia, no campus da USP de São Paulo. O Departamento de Geografia antes funcionava em um casarão alugado na esquina da Avenida Angélica, esquina com a Baronesa de Itu, no bairro de Santa Cecília. Para chegar ao campus, era preciso chegar até o Butantã e ir a pé até o prédio da Geografia que funcionava na antiga reitoria, atrás de onde hoje funcionam os bancos. Lá no fundo, perto do rio Pinheiros funcionava o Departamento de História. Na época não existia a marginal, nem a Raia Olímpica, apenas se observava um meandro abandonado do rio. No dia do exame oral de Geografia Humana, o ônibus demorou, choveu muito, era dezembro. Quando cheguei ao prédio, esperei na frente da sala do professor que me chamou pelo nome, quando

entrei ele me falou: "pode sortear o ponto". Li o título "Os grandes vultos da Geografia moderna e a Região pelágica oceânica" Não sabia nem o nome dos geógrafos e dos demais pesquisadores e muito menos as obras, porque eu não possuía o livro do professor Aroldo de Azevedo do primeiro colegial que tratava disso. Eram dois temas, o outro era: "A região pelágica oceânica". Sobre o primeiro tema, eu não sabia nem os nomes dos vultos (risos), daí falei: "professor, sinto muito, mas não vou fazer o exame". O professor me disse: "mas como não vai fazer! Senta aí e conversa com a gente!". Eu respondi: "não tenho condição de fazer esses exames de jeito nenhum, não estudei esses temas no curso normal". Saí chorando da sala, e alguns colegas me comunicaram que o professor sugeriu que eu sorteasse outro ponto, mas não aceitei. No final, sobraram quatro vagas e houve segunda época e eu voltei a fazer o vestibular e fui aprovada.

AC: *Voltando para a escolha da Geografia, você disse que não queria o curso, mas teria que fazer algum curso na área da humanidade, porque a Geografia poderia ter sido História ou outro curso?*

Profa Nidia: No Ginásio e no Normal tive um excelente professor de Geografia chamado Luiz de Melo, e que tinha sido professor primário. Ele não adotava livro didático, mas aconselhava para usar o que tivéssemos em casa. Eu tirava boas notas em Matemática e em segundo lugar, em Geografia. Havia disciplinas que eu não gostava e as minhas notas eram cinco ou seis. Algumas vezes, já me perguntaram se o Aziz teve influência na minha escolha. Talvez tenha tido, porque quando ele era solteiro, fazia trabalhos de campo, excursões e quando voltava para casa, tinha uma plateia: minha mãe, eu e minha irmã menor. O Aziz falava, com todo ardor da juventude, sobre as excursões, o que eles faziam; com quem se encontravam, como eram as cidades, as dificuldades etc. Chegavam aos locais de caminhão, de trem e até mesmo a pé. Uma vez ele e o professor Pasquale Petrone se perderam na mata e não sabiam como sair. Tudo ele contava e eu achava uma delícia ouvir. Naquela época só havia rádio e a gente não tinha televisão. Pode ser que tudo isso me influenciou e eu não tive consciência, mas tudo tem influência na vida da gente. Até hoje gosto do trabalho de campo, de viajar e do estudo do meio. A ideia de entrar na geografia também era uma possibilidade de

fazer trabalhos de campo, o que para outras pessoas não era tão importante, para mim era um desejo, principalmente numa época em que viajar a uma cidade como Santos era uma coisa complicada, quase uma aventura e as histórias de viagens me fascinavam: conhecer novas pessoas, o viver de uma cidade...

AC: *Nessa época o professor Aziz Nacib Ab´ Saber trabalhava na USP?*

Profa. Nidia: Já sim, mas ainda não era considerado professor na folha de pagamento, na qual aparecia como técnico de laboratório ou alguma coisa parecida. Desde aluno e depois que se formou em 1946 trabalhava como professor auxiliar dos catedráticos, atuando como professor e coordenando excursões.

AC: *Ele foi seu professor?*

Profa Nidia: Foi no primeiro ano, depois aceitou ser professor de Geografia Física na Universidade de Porto Alegre, onde passou a exercer formalmente o cargo de professor. Lá ele permaneceu por 2 anos. Aqui em São Paulo ele ganhava como técnico de laboratório e para completar o orçamento da família dava aulas em vários locais: PUC de São Paulo, PUC de Campinas, em Sorocaba. No meu segundo e terceiro anos, na disciplina de Geografia do Brasil, ele não estava na USP.

AC: *Quem foi seu professor de Geografia do Brasil?*

Profa Nídia: Não havia apenas um professor, era uma equipe: Aroldo de Azevedo, José de Araújo Filho, Antonio Rocha Penteado, Aziz Nacib Ab´Saber O professor Aroldo de Azevedo foi um de meus professores de Geografia do Brasil. Ele trazia livros, mapas da França e da Alemanha, viajava muito e fazia uma espécie de seminário mostrando o que existia no mundo naquele momento. No Brasil praticamente estava se iniciando a produção das pesquisas, a bibliografia geográfica ainda era incipiente. Muito se fez da década de 1950 para 2011, não só em São Paulo como em todo o Brasil. O professor Pasquale Petrone foi muito importante para mim, ele tinha uma didática e um conhecimento profundo da Geografia Humana. O professor Pasquale na aula fazia a pergunta e ele mesmo respondia. Pasquale está vivo ainda, mas não está muito bem de

saúde, no entanto, não se pode esquecer que foi brilhante como professor e teve um papel importante dentro do Departamento de Geografia da USP na formação de professores e de pesquisadores.

***AC**: Como era sua turma de graduação em Geografia na época?*

Profa Nídia: Eu estudava à noite porque era professora primária em tempo integral. Entre o noturno e o diurno havia diferenças; enquanto no diurno os alunos estudavam muito, não trabalhavam, os do noturno trabalhavam durante o dia. Havia muitos alunos que vieram do interior de São Paulo e estavam sozinhos, sem a família aqui, morando em repúblicas ou em pensões. Éramos cinco moças e a maioria rapazes. Ficamos juntos o curso todo. A diferença de hoje para o passado é que o curso era anual. Entramos juntos no vestibular em 1959 e saímos juntos em 1962. Fizemos trabalhos, excursões, tudo isso criou vínculos entre nós. Nos cursos de hoje esses vínculos são quebrados pelo próprio mundo, pelo curso semestral e sistema de créditos. O pessoal do noturno não tinha tanto tempo para estudar, a gente sacrificava o lazer e o descanso de sábado e domingo para estudar e realizar os trabalhos. Esses alunos tinham um amadurecimento advindo do trabalho e o desejo de realizar-se como professor de Geografia.

***AC:** Como era seu trabalho como professora na época?*

Profa Nídia: Primeiro, por quase dois anos, eu dei aula no Grupo Escolar "Júlio Ribeiro", na Vila Moraes, perto do Zoológico de São Paulo e à noite eu ia para USP assistir aula. Depois fui trabalhar na Escola de Demonstração do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, de instância federal, onde hoje funciona a Faculdade de Educação da USP. Minha diretora da escola de Vila Moraes, convidou-me para fazer uma entrevista com a Profa. Sylvia Alves, então diretora. Queriam alguém que estivesse na universidade e tornei-me professora do ensino federal, onde aprendi muito.

***AC:** Nessa escola trabalhava com os anos iniciais?*

Profa Nídia: Comecei dando aulas no primeiro ano, na alfabetização.

AC: *Tinha Geografia naquela época nos anos iniciais?*

Profa Nídia: Tinha muito pouco. Nem pode ser chamado de Geografia, alguns rudimentos. Tinha mais ciências do que Geografia e História. Na escola tinha um orientador para cada área. A Geografia e História estavam incluídas nos Estudos Sociais e tudo isso colaborou para uma aprendizagem muito grande. Qualquer coisa que se faziam os coordenadores perguntava: "como? por quê? para que? o que vai acontecer?"

AC: *E quando terminou o curso de Geografia, continuou nessa escola?*

Profa Nidia: Ao final de 1962 terminei a Geografia e continuei como professora no Centro Regional até fazer concurso e dar início no secundário no Ginásio Estadual de Taboão da Serra-SP, em 1964. Adaptei algumas técnicas para as diferentes atividades, aprendidas na Escola de Demonstração, embora fosse o Ginásio, lá eu ministrava Geografia mesmo. Orientei alunos do 1º ano a realizar entrevistas com os moradores da rua e a utilizar desenhos nas aulas. Nesse período fui convidada pela FUNBEC-CECISP, entidade localizada no campus da USP–São Paulo para participar de um Projeto de elaboração de material didático de Geografia e de Formação de Professores. Essa experiência foi muito boa, a gente tinha uma equipe de Geografia como Helena Mirabelli, excelente professora e Teluko Yonemoto. O diferencial neste trabalho é que planejávamos atividades em colaboração com colegas de outras áreas do conhecimento.

AC: *Você estava falando dos anos iniciais do Ensino Fundamental, antigo primário, mas quando a Geografia e a História se transformam em Estudos Sociais para o Ginásio, atual 6º ao 9º ano do Fundamental, como foi dar aulas nessa disciplina?*

Profa Nidia: Os Estudos Sociais vão até 1982, se não me falha a memória e foi introduzido pelos militares. Antes existiam os Estudos Sociais, mas com outra conotação, como no Colégio de Aplicação da USP. Lá trabalhavam na mesma classe simultaneamente um professor de Geografia e um de História Em 1968, com o Ato Institucional nº 5, foi implantada a disciplina de Estudos Sociais e Educação Moral e Cívica. Até na universidade quem estava fazendo graduação e pós-graduação tinha que fazer um curso nessa linha. Para a pós-graduação a disciplina de Estudos de Problemas

Brasileiros era obrigatória e dada em forma de seminários, onde cada dia havia a apresentação de um especialista e os alunos no final eram submetidos a uma prova que não tinha sentido algum como formação. Na época eu estava no mestrado e fui obrigada a fazer essa disciplina.

AC: *No caso do Colégio de Aplicação da USP, os Estudos Sociais para os anos iniciais do Fundamental teve influência da "Escola Nova"?*

Profa Nidia: No Colégio de Aplicação só havia ginásio e o científico. No ginásio teve muita influência da Escola Nova, tanto que algumas pessoas criticam o estudo do meio como um resquício dessa teoria pedagógica. No entanto, hoje eu continuo a realizar o estudo do meio que foi implantado no Brasil pela Escola Nova, mesmo que seja algo abandonado. Aprendi muito no Colégio de Aplicação e tive muita sorte de ter trabalhado lá. A escola era tão boa que foi fechada pela ditadura. A seguir fui trabalhar na Escola Estadual "Prof. Architiclino Santos" no bairro do Jaquaré, Zona Oeste de São Paulo, onde permaneci por 11 anos. Nessa escola consegui realizar trabalhos interdisciplinares com colegas de outras áreas do conhecimento. Fizemos estudos do meio em Iguape, no Jaguaré, na área da cana-de-açúcar de Piracicaba, Limeira, projetos com o Noturno.

AC: *Com quem trabalhou nessa escola?*

Profa Nidia: Com a Circe Maria Fernandes Bittencourt, Eulina Pacheco Lutfi, Flora Yue, Mansur Lutfi, Rosalva Carvalho, Célio Fujiwuara, Deise Amadio Fujiwuara, Maria Luiza Ribeiro. Essas pessoas trabalharam muito unidas e o processo de discussão era permanente. Até a APEOESP (Sindicato dos Professores da Rede Pública do Estado de São Paulo) criticava o nosso grupo, porque trabalhávamos mais do que as horas pelas quais ganhávamos. Diziam que isso não era ser profissional, mas acontece que quando você põe os alunos em primeiro lugar, eles também passam a nos valorizar. Havia reuniões na casa de um ou de outro para planejar, para escrever, enfim, houve um intenso aprendizado. Trabalhos importantes foram construídos com os alunos, como os projetos noturnos, os estudos do meio e o uso de linguagens diversificadas. Ao encontrar nossos ex-alunos hoje bem sucedidos, sentimos o resultado do nosso trabalho.

Há um mês atrás estava esperando um táxi na porta da Faculdade de Educação e chegou um senhor muito próximo de mim, a princípio estranhei, quando ele me falou: "professora Nidia, como vai a senhora? Fui seu aluno, participei daquele trabalho que a senhora fez com a professora Eulina sobre o livro "Bom dia para os defuntos", nunca mais esqueci, hoje sou professor da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) e ministro aulas de Psicologia da Família". Esse encontro é um dos exemplos de fatos que não se espera e que depois de anos temos o retorno de nosso trabalho. São esses fatos que me fazem continuar. Quando lembro dos antigos alunos do colegial, vejo que essa fase, da escola pública foi muito importante para os alunos e para nós professores.

AC: *A escola pública era melhor antigamente ou isso é apenas saudosismo?*

Profa Nidia: Depende, não digo que era melhor em tudo, mas o que era melhor mesmo eram os salários dos professores e não havia um controle tão rígido do Estado e da Prefeitura sobre os professores e alunos como há hoje. Tínhamos autonomia para fazer projetos e as aulas não eram fragmentadas. Tenho essa sensação também quando encontro com os antigos alunos. Tem um ex-aluno que depois entrou na Escola Politécnica da USP e ao encontrá-lo, há a algum tempo, perguntei: "Sergio me diz uma coisa, o que foi bom pra você e o que significou mais no Architiclino?" Ele respondeu: "ficou o estudo do meio e as propostas do professor Mansur que obrigava a gente a fazer entrevistas nas indústrias químicas, a gente tinha que ir lá, voltar, insistir para conseguir a entrevista. Agora eu estou na Poli e preciso fazer estágio e aprendi a insistir para conseguir um estágio numa indústria que não possuía convênio com a USP". Nós matriculávamos os nossos filhos na escola pública, porque queríamos a melhor escola, tanto para os alunos como para nossos filhos. Na década de 1970, quando houve greves para o aumento de vagas na escola pública, o governo militar abriu espaço às escolas particulares superiores, e possibilitou que elas pudessem formar professores em dois anos por meio do curso de Estudos Sociais. Quem era formado em Geografia ou em História na escola pública não podia dar aulas de Estudos Sociais. Criou-se um clima desagradável entre os professores e formaram-se grupos até mesmo antagônicos,

ocorrendo certa fragmentação e até mesmo, conflitos, principalmente na escolha das aulas. O nosso grupo era filiado ao PT (Partido dos Trabalhadores), portanto, nos viam como "comunistas". Na época, foi difícil conviver com os conflitos.

AC: *Na década de 1970, no campo da educação, estava em alta o tecnicismo, esse era um traço dos Estudos Sociais nessa época?*

Profa Nidia: Não era só em Estudos Sociais, na Geografia também. Os livros de Geografia década de 1970 deveriam ser bem analisados, pois os autores faziam a apologia da Transamazônica, dos grandes reservatórios (usinas hidroelétricas), se não fizessem isso eles não podiam entrar no mercado do livro didático. A Geografia foi a área do conhecimento mais afetada, tudo era "maravilhoso" na época dos militares, eram coisas muito complicadas que aconteciam. No entanto, pessoas morriam ou desapareciam sem que fossem encontradas. Os Estudos Sociais eram fragmentos de Geografia, História e Economia, o que não permitia a reflexão. Nem as pessoas que defendiam essa disciplina sabiam direito o que pretendiam. Os alunos foram as maiores vítimas, uma geração inteira foi penalizada.

AC: *Como foi seu mestrado no Departamento de Geografia da USP?*

Profa Nidia: Terminei o mestrado em 1979 sob o título "Suzano e o impacto da industrialização". Demorei muito para finalizar o mestrado, trabalhava o dia inteiro. Na época era tema extremamente interessante, por ser a entrada das grandes multinacionais, inclusive as japonesas. Havia no município de Suzano descendentes de japoneses, antigos proprietários de terra que trabalhavam com a agricultura. Por causa da poluição alguns deles mudaram de área por cultivar flores e hortaliças. Mas com o valor da terra em alta, outros mudaram de ramo e investiram na indústria, como o caso da Gyotoku, que hoje está expandida para vários lugares. Era uma indústria familiar de produção de cerâmica. Estudar Suzano foi um aprendizado em termos de pesquisa. Na época, estava na Escola Estadual "Prof. Architiclino Santos". Durante o mestrado fui colega das professoras Arlete Moisés, Léa Franciscone, Maria Aparecida Serapião Teixeira e Mirna Terezinha Rossi Rego, Odette Seabra, Regina Célia Bega dos Santos. A Dra. Léa

Goldenstein (orientadora) era bastante exigente na formação de pesquisadores. A troca entre esse grupo foi espetacular, havia entrevistas individuais com a Profa Léa, de quinze em quinze dias, às vezes até mais conforme a etapa da pesquisa. A metodologia de orientação implantada com o grupo foi muito interessante. Uma vez ao mês havia reuniões conjuntas de discussão sobre os trabalhos e as pesquisas bibliográficas. Hoje utilizo essa metodologia para orientar meus pós-graduandos. Na verdade, a pesquisa em Suzano me deu muito trabalho pela distância (40 km). Andava por todo tipo de estrada e fiz pesquisa nas indústrias, com os moradores e comerciantes.

AC: *E seu trabalho na escola estadual?*

Profa Nídia: Na relação mantida com os alunos aprendemos bastante; o contato com eles e com os colegas de trabalho foi fundamental para a formação do profissional professor. Lembro-me de um caso: eu estava dando uma aula para o noturno sobre o capitalismo oligopolista e monopolista; explicava... explicava... e sentia que os estudantes não estavam entendendo, daí um aluno, não me lembro o nome, só sei que era gaúcho - perguntou: "professora, eu queria saber se foi isso que aconteceu com as empresas de tornos? Será que tem a ver com o que a senhora está falando?" O aluno continuou: "hoje eu trabalho numa empresa de tornos. Antes havia várias pequenas empresas como fornecedoras de tornos; logo as pequenas indústrias foram diminuindo e permaneceram somente as grandes empresas e a seguir houve outra divisão, as indústrias de São Paulo hoje produzem um tipo de torno e as indústrias do Rio de Janeiro produzem outro. Isso tem a ver com o capitalismo monopolista?" Assim, a partir da intervenção do aluno a classe pode compreender os conceitos e processos trabalhados, todos nós aprendemos. Paulo Freire chamava muito a atenção sobre isso: os alunos têm que aprender com a gente e a gente tem que aprender com os alunos em interação.

AC*: E como foi sua entrada na USP como professora?*

Profa Nidia: Na Escola Estadual "Prof. Architiclino Santos" eu recebia muitos estagiários do Professor Bernardo Issler, da Faculdade de Educação da USP. Esse

professor tinha um problema: ele vinha aqui só para dar aula, não tinha tempo para atender os alunos em outros momentos. Por que ele fazia isso? Foi um dos professores, entre vários, que teve de fazer rapidamente a tese de doutorado, do contrário perderia o emprego. Receberam um recado da reitoria: "ou vocês fazem o doutorado ou perdem o emprego". Isso aconteceu com vários professores na época, com o Bernardo Issler e outros. Eles decidiram fazer o doutorado em Presidente Prudente e o doutorado saiu rápido, mas a USP levou anos para credenciar os novos doutores. O Bernardo ganhava como instrutor de ensino enquanto não saía a validação do diploma pela USP. Naquela época, a pós-graduação não estava organizada como hoje. Daí ele teve que procurar trabalho em outras escolas. Os alunos da Geografia que praticamente tinham de fazer os estágios ficavam com orientação reduzida. A demora do reconhecimento do doutorado do Prof. Bernardo pela Geografia da USP prejudicou o professor e os graduandos. Em decorrência dessa situação, a FEUSP abriu concurso para uma vaga de Prática de Ensino de Geografia para alguém trabalhar junto com o professor Bernardo Issler.

***AC**: Seu concurso foi na Faculdade de Educação?*

Profa Nidia: Sim, porque eu tinha muito contato com a FEUSP, frequentava a AGB-São Paulo (Associação dos Geógrafos Brasileiros), e era chamada pelos professores daqui para falar sobre o que acontecia na escola pública. Eu gostava dos estagiários que assistiam a minhas aulas. Havia estagiário de Ciências Sociais e Geografia que até acompanhavam os alunos nos estudos do meio. Foi por isso que resolvi fazer o concurso. Éramos sete candidatos, passei e gostei de ter passado, porque era uma forma ter melhor salário e de colaborar mais com a formação do professor de Geografia. É certo que na universidade se lê mais, mas também você fala e as pessoas ouvem mais. O lugar de onde você fala faz a diferença. Foram muito interessantes esses anos que eu passei na FEUSP, acompanhei muitas mudanças.

***AC**: Você participava da AGB, estava presente no Encontro da AGB em Fortaleza de 1978?*

Profa Nidia: Participava sim, mas não estava presente nesse Encontro.

AC: *Houve uma mudança significativa na AGB depois de 1978?*

Profa Nidia: A AGB constituiu lugar importante para a formação continuada, tanto para o bacharel como para o professor de Geografia, mas hoje, de modo geral, os professores universitários valorizam menos a AGB. Antes só existia a AGB, depois que apareceram os encontros de Geografia Urbana, Geografia Física, de Cartografia, da Prática de Ensino de Geografia, para citar apenas alguns, a AGB se esvaziou, no sentido da pesquisa e das publicações. Senti que depois de 1978, houve uma mudança traumática para os professores mais antigos. Naquela época tinha uma geração nova que achava que tudo estava errado e queria dar aquela volta de 180º, contudo não houve o reconhecimento dos professores mais antigos, que deram início à Geografia do Brasil e também à AGB. Não houve uma tentativa na AGB de fazer uma interação, de aproveitar essas experiências que os outros tinham. Claro que não seria fácil, porque os professores mais antigos eram do tempo dos "catedráticos" e a hierarquia estava muito presente e forte na academia. Por outro lado, não dava para jogar fora o antigo e trocar pelo novo. Em 1979 houve uma reunião em São Paulo em que o pessoal que assumiu a AGB falou claramente: "nós não queremos vocês na AGB". Quem contou esse episódio foi uma professora que participou da reunião: "os professores antigos atrapalhavam as mudanças desejadas pelos professores novos e estudantes". Se os antigos permanecessem, na visão dos novos, as mudanças seriam mais difíceis e lentas. Os professores antigos abandonaram a AGB, até porque foram convidados a sair. Mas houve acontecimentos significativos com a participação dos novos agentes e a AGB tornou-se aberta aos alunos.

AC: *Essa fragmentação que aconteceu na Geografia, com o surgimento de várias entidades e grupos têm a ver com essa ruptura?*

Profa Nidia: Creio que naquela época não havia ainda toda essa fragmentação que existe hoje. Mas depois foram surgindo os grupos, por exemplo: os professores vão agora para ANPEGE (Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia) que hierarquicamente é mais importante do que AGB, você percebe? Muitos publicam na ANPEGE e não nos Encontros da AGB, como o ENG (Encontro Nacional de

Geógrafos), o que acho um erro. O ENG mostra quem são os estudantes e os pesquisadores de Geografia no momento por todo o território nacional. Mesmo que o grande encontro, com 4000 professores e estudantes, não seja o lugar de aprofundamento, é possível ter uma visão do que se faz na Geografia do Brasil e isso é importante. Apesar das brigas pelo poder, que incomodam, mas isso fazer parte da política, não considero que deixar de ir ao ENG é bom para nossa formação. De 1980 para cá fui a quase todos os ENGs. Esses encontros são extremamente importantes para os estudantes, começa pela viagem em si, por exemplo, o que nós vivemos no ENG de 2000 em Florianópolis foi muito interessante e ao mesmo tempo triste, os estudantes que vieram do Acre, do Amazonas, do Pará etc, não tinham roupa adequada pra enfrentar o frio de julho em Florianópolis. Alguns arranjaram dinheiro emprestado e voltaram para suas casas. Um geógrafo que não viaja não conhece os lugares. A viagem completa o que se estuda nos livros.

AC: *No doutorado você pesquisou mais o ensino da Geografia, porque a mudança de área entre o mestrado e o doutorado?*

Profa Nidia: Porque quando fui para o doutorado, eu sabia muito pouco sobre as teorias educacionais. Estava mais voltada para a Geografia, mas tinha que fazer um trabalho de relação, de interação entre a Geografia e a Educação e a parte da educação era mais falha, então foi por isso que eu optei por fazer a pesquisa na Faculdade de Educação. Se eu fosse fazer no Departamento de Geografia, escolheria a Climatologia, até procurei o professor *Augusto* Humberto *Vairo Titarelli*, que fora meu professor no cursinho e foi nosso assessor em um Projeto de produção de material didático. Quando falei com ele do meu interesse, ele disse: "Nidia, eu já tenho um aluno com o qual me comprometi, então acho que você não precisa se inscrever". Gosto muito de Climatologia, fiz alguns cursos com o professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, na época do mestrado e aprendi muito com ele. A Climatologia dinâmica que eu desconhecia. Achei que faria uma boa pesquisa porque as aulas de Monteiro permitiram o conhecimento de um bom instrumental de pesquisa para realizar o doutorado em Climatologia. Ainda não se

falava nas mudanças climáticas como se fala hoje, mas a importância da Climatologia já estava colocava.

AC: *Como é seu trabalho na pós-graduação na USP?*

Profa Nidia: A pesquisa no doutorado foi com a orientação da professora historiadora Elza Nadai, já falecida, que trabalhava também com a formação do professor. O mestrado foi muito significativo para a minha condição de pesquisadora, mas de certa maneira fiquei desapontada, porque somente depois de 10 anos alguém solicitou a minha dissertação e neste ano de 2011, ou seja, depois de 32 anos me solicitaram novamente. Considero que uma dissertação ou tese é um grande investimento, não somente para sermos mestres ou doutores, mas sobretudo para encurtar os caminhos de novos pesquisadores e a formação continuada de quem está na sala de aula ensinando as crianças e os jovens. Na Faculdade de Educação aprendi muito sobre educação, fiz novas leituras e tudo isso está contribuindo para a orientação dos alunos. Reúno o pessoal da Geografia com o pessoal da Educação. O pessoal da educação preocupa-se muito mais com a forma do que nós da Geografia, mas as nossas visões diferentes se completam. Faço um "ping pong" entre os alunos da Educação e da Geografia. Esses procedimentos dão bom resultados, tenho que auxiliar a formar bons pesquisadores, preocupados com a contribuição para a sociedade e para as novas gerações que estão chegando. Quando os mestrandos chegam, querem abarcar o mundo e pensam que vão resolver os problemas de sua escola. Uma coisa é fazer a pesquisa centrada em algum objeto e não dispersar, nem sempre o que se aprende na pós-graduação dá resolver os problemas da escola.

AC: *Como é sua experiência em assessoria nas prefeituras? Em especial como foi trabalhar na gestão Paulo Freire na Prefeitura de São Paulo no governo Erundina?*

Profa Nidia: A gestão Paulo Freire foi complicada. Na época Paulo Freire desejava que se fizesse um projeto interdisciplinar, mas uma coisa eram seus escritos sobre alfabetização, outra era trabalhar interdisciplinarmente com uma rede de ensino. Na alfabetização cada grupo possuía a mesma profissão, como os pescadores, agricultores,

e trabalhadores da construção civil. Os professores seguidores de Paulo Freire afirmavam ser necessário primeiro ler o mundo deles e tentar contextualizar o trabalho, como o trabalhador se inseria historicamente e assim, descobrir as palavras significativas, o que Paulo Freire chamava de palavras geradoras etc. Trabalhar interdisciplinarmente na maior Secretaria da Educação do Ensino Fundamental do Brasil com diferentes escolas e disciplinas foi um grande desafio. Muitas vezes um matemático não entende um geógrafo ou não sabe como um historiador trabalha. Tudo isso é extremamente complicado. O que foi muito interessante na prefeitura foi a formação de equipes por disciplinas em cada Diretoria de Ensino, como é chamada hoje. Havia um professor de Geografia, um professor de História, um professor de Matemática etc, que a cada 15 dias se reunia em equipe e ia para as escolas. Essa equipe pedagógica estabelecia a ponte entre a escola e a Secretaria de Educação. Havia um professor na escola que dizia assim: "o pessoal da secretaria não sabe o que é tema gerador, nós é que vamos escrever o que é". Nessa disputa, os professores das escolas municipais tinham que estudar para dar o significado do tema gerador, para cada escola. Nesse "vai e vem" a Secretaria acabava se informando sobre o que acontecia na escola e esta ficava conectada com aquela através da equipe pedagógica. Quando entrou o Paulo Maluf como prefeito, político esperto, ele não disse que era proibido continuar com o projeto interdisciplinar; simplesmente cortou a equipe pedagógica que estabelecia a ponte. Ao tomar essa decisão, deixou a escola isolada. Na gestão Maluf não interessava saber o que acontecia em cada escola. Os problemas eram os professores que deveriam resolver. Por exemplo, sobre as drogas, os professores que não agüentava mais a pressão dos alunos, foram obrigados a entrar em contato com quem liberava as drogas no bairro, entre outras coisas. Na gestão Paulo Freire aprendemos muito. No entanto, não foi em todas as escolas que o Projeto deu certo, nas de classe média, onde os pais queriam mesmo que seus filhos entrassem na universidade houve resistência. Muitas dessas escolas tinham núcleos do Jânio Quadros que foi prefeito antes da Luiza Erundina. Na Vila Maria isso foi muito forte, eles não queriam saber se o projeto vinha do PT, não interessava. Apenas odiavam a prefeita Erundina. Mas apesar de tudo, as escolas que abraçaram e entenderam as intenções dos apoiadores, conseguiram realizar ações que

mexeram com o Projeto Político Pedagógico das escolas. As escolas abriram-se para as comunidades e trouxeram colaborações importantes para professores e alunos. Discutiam-se problemas da escola e do bairro desconhecidos por muitos. Em reunião com Paulo Freire e o professorado municipal uma professora disse: "quero fazer um depoimento: leciono em uma escola no Jaçanã e até agora não sabia que havia um hospital próximo da escola e como eu tive que andar pelo bairro para observar sistematicamente o lugar, comecei a conhecer muitas coisas. Antes eu apenas ia da minha casa para escola e vice versa. Não conhecia a realidade do bairro, e com as observações, descobri muitas coisas: que tem um hospital, de 58 anos que foi centro de referência para a hanseanise e tuberculose. Na época da Segunda Guerra Mundial, operavam os tuberculosos retirando costelas e água dos pulmões quando ainda a penicilina não havia chegado ao Brasil". A professora contou o que ela descobriu em um passeio, que fez junto com colegas de trabalho. As informações obtidas e discutidas na escola permitiram a extração do tema gerador para trabalhar pedagogicamente na escola, colocando o lugar como foco. Nessa reunião, outros depoimentos foram feitos para encontrar o tema gerador do currículo escolar e a partir dele realizar o plano para as diferentes disciplinas.

AC: *E depois da Prefeitura de São Paulo, onde mais trabalhou?*

Profa Nidia: Guarulhos foi outra prefeitura que eu gostei muito de trabalhar, mas aí já tinha adquirido experiência em várias prefeituras, tais como Santo André, Diadema, atuando principalmente na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Trabalhamos em Guarulhos por quatro anos com estudo do meio como metodologia principal e aprendemos muito. Publicamos artigos, textos e apresentações em eventos divulgando o trabalho realizado na formação dos professores. Os trabalhos com as prefeituras fazem parte de um processo de formação continuada.

AC: *Voltando para a universidade, o estágio supervisionado como está organizado consegue formar o professor?*

Profa Nidia: O importante no estágio é o contato com a escola atual. Uma coisa é a visão que se tem como aluno que todos nós passamos, outra coisa é quando o licenciando se vê como professor. Alguns depoimentos dos estagiários são relevantes como: "quando tive de fazer estágio, escolhi a mesma escola que estudei e o que aconteceu? Vi uma outra escola". Com poucos anos de diferença entre o ensino médio e a universidade, a escola mudou. Hoje as escolas não querem estagiários. Tenho o depoimento de um aluno que foi a sete escolas e recebeu "não" por sete vezes, na oitava, ele conseguiu um "sim". Muitos diretores dizem: "não precisamos de estagiários, eles não tem o que ver aqui". Hoje a lei obriga o aluno a fazer estágio supervisionado de 300 horas, mas quem vai receber o estagiário é a escola. Muitos acham que o estágio não traz nenhum benefício para a escola que só ganha um sobre trabalho. Como é que se controla e discute a importância do estágio com os licenciandos quando eles vêm para a FEUSP bravos porque têm que fazê-lo? Mas quando os estagiários entram em contato com a escola, conhecem os alunos, conversam com eles, muda muita coisa, no entanto isso não ocorre com todos, mas há uma parcela que se sensibiliza. Dizer que a escola pública é ruim de forma generalizada é muito sério. Existem muitos depoimentos que demonstram existir coisas boas nas escolas. Um aluno da pós-graduação descobriu numa parte da lei do atual governo do PSDB (Partido Social e Democrático Brasileiro) em 2010, que permite ao professor realizar a sua programação em sala de aula, podendo modificar aquela "apostila" engessada, criada para professores e alunos para a escola de ensino básico. Hoje o governo manda uma apostila para as escolas, coisa que a gente criticava há mais de vinte anos atrás, como aquelas apostilas usadas nos cursinhos. Com isso, o estagiário não vai ver nada de inovação, vai ver aquilo que está definido naquela apostila específica. Como é que se trabalha com o que é diferente ou inusitado? O Brasil tem uma diversidade muito grande, a cidade de São Paulo, a grande São Paulo... Como dar conta de trabalhar num currículo único, ainda mais no estágio? Acho que essa apostila não vai dar certo, por mais que o governo insista. Existem professores que reclamam por causa da pressão. Além disso, o seu conteúdo tem que ser dado em duas ou três aulas. Por isso, penso que o estagiário deve propor ações diferentes na escola, fazer projetos, como de uma semana

cultural, entrar em contato com alunos e professores. Não é para ir à escola apenas para ver se o professor vai fazer alguma coisa errada, como uma eventual definição ou a escrita de palavras na lousa etc. O estagiário tem que ver é a dinâmica: como é que os alunos reagem em relação a esse currículo atual dentro da sala de aula? O estágio sozinho não forma o professor, mas colabora ao interagir com o conteúdo das aulas, com as leituras que os licenciandos fazem. O estágio possibilita fazer a relação do que eles estudam ou estudaram com a realidade vivida pelos alunos e professores. Tudo isso vai formar o professor. O estágio pode ser frágil, mas a crítica sobre o que o estagiário está vivenciando vai ajudá-lo em sua formação. Acho que se o estágio for melhor organizado e articular-se mais estreitamente com as escolas, sobretudo públicas, ele poderá mudar. Espero que esse currículo, tanto do Estado como da Prefeitura de São Paulo, torne-se mais aberto. É preciso de uma ação efetiva e autônoma dos professores, o que hoje está difícil.

AC: *Hoje parece existir um ecletismo maior na Geografia, tivemos momentos de acirramento de tendências teóricas, como no tempo da Geografia Crítica, você acha que atualmente as relações são mais tranqüilas?*

Profa Nidia: Não sei. Mas a Geografia Crítica teve seus problemas. Considero que não existe Geografia Humana pura ou Geografia Física pura. A Geografia se faz na interação dos aspectos sociais e físicos. Milton Santos em reunião com professores de Geografia disse:- "aqui no Departamento de Geografia não se faz Geografia" - todo mundo ficou assustado - e ele continuou: "aqui a gente faz Climatologia, Geomorfologia, Geografia Rural, Geografia Agrária, Geografia Urbana. O que fazemos está tudo fragmentado, quem vai fazer a Geografia é o professor na escola (básica), onde fará essa interação". Essa é uma das dificuldades de se fazer a interdisciplinaridade, porque nas universidades públicas e particulares, o que produz são as disciplinas parcelares, que se prestam para um aprofundamento de cada uma, mas a interação entre elas não é realizada.

AC: *Mas seria a Geografia uma ciência interdisciplinar?*

Profa Nidia: Ela é sim, tanto que no trabalho com o professor Seabra, que a fizemos na gestão Paulo Freire, foi discutida uma interdisciplinaridade interna da Geografia, mas há pessoas que não reconhecem isso. Há um livro que eu gosto bastante chamado: "A interdisciplinaridade para além do sujeito", organizado por Ari Paulo Jantsch, e Lucídio Bianchetti, (Editora Vozes, 1995), contendo uma série de artigos que me ajudam bastante. Para fazer a interdisciplinaridade dentro de uma escola, há que se conhecer antes bem a Geografia. Uma paisagem ou um lugar é por si só um emaranhado de aspectos, de dimensões presentes e históricas e de relações que necessitam, para compreendê-los, de conhecimentos específicos e das metodologias científicas de cada área. Não se pode estudar um bairro de São Paulo ou de Aracaju só por uma disciplina parcelar, é preciso conhecer todas elas e utilizá-las para a compreensão daquele lugar. Se eu quiser saber mais ainda necessito recorrer a colegas de outros campos do conhecimento: da História, das ciências naturais e sociais, para entender as transformações que ali ocorreram. Por exemplo, todo mundo vê a Raia Olímpica da Cidade Universitária, no campus de São Paulo antes da retificação do rio Pinheiros, esta Raia era um antigo meandro deste mesmo rio. A Raia Olímpica existe graças à história política, econômica e por decisões urbanísticas de determinada época. Quando se observa uma fotografia de 1930, o rio está meandrando, o que aconteceu com o rio? O que acontece com a cidade de São Paulo hoje? Por que o Ceasa foi totalmente tomado pelas águas nas enchentes desse ano? Há uma reação da natureza aí. Alguns geógrafos dizem que a questão ambiental não é importante para a Geografia. Como não é importante? Pode até ser um modismo, pode ser que alguns queiram se aproveitar para fazer projetos, mas é uma realidade. Veja o que aconteceu na região serrana do Rio de Janeiro esse ano e a tragédia em São Luiz do Paraitinga no Vale do Paraíba na passagem do ano de 2009 para 2010? Tudo isso tem a ver com a forma de ocupação dessas cidades através da história. Não dá para dizer que é mera questão ambiental. O que existe são metodologias de trabalho diferentes, que devem dar conta das contradições que vimos nas cidades grandes ou menores. Podemos ainda perguntar e entender porque a Praia da Boa Viagem em Recife é hoje, considerada pelo povo que lá reside, uma Praia da Sombra? Ao buscar a resposta, estaremos fazendo Geografia.

AC: *Nesse sentido a Educação Ambiental é interdisciplinar ou disciplinar?*

Profa Nidia: É interdisciplinar e não deve existir Educação Ambiental (EA) como disciplina. Transformar a EA em disciplina é uma forma de congelar as discussões sobre ela. Na escola, a EA deve ser trabalhada por todas as áreas e depende dos temas que naquele momento se escolhe para estudar. Atualmente, um padre do bairro do Jaguaré em São Paulo quer discutir questões do bairro. Mas como um padre não pode mexer com essas questões, o que ele fez? Procurou as instituições: jornais, comunidades de bairro, igrejas, escolas e nesse momento organiza uma equipe multidisciplinar para discutir os problemas gerais no bairro e suas relações como o mundo. A discussão dos problemas locais vinculados aos mundiais. Nesse grupo, reúnem-se pessoas de diferentes intencionalidades e categorias sociais. É um bairro ainda em transformação, considerado industrial, mas com a saída de algumas indústrias começa a dar lugar a torres de apartamentos. Como entender o processo atual com os problemas socioambientais criados historicamente na ocupação aparentemente caótica, mas que tem uma lógica dentro do mundo capitalista em que vivemos? Essas e outras questões são nossas, não apenas da universidade, dizem respeito a qualquer cidadão. Mas para que serve a universidade? Para sermos doutores e termos um salário? A universidade tem que ter uma relação com a sociedade, sem isso não há razão de existir. Numa greve em que fomos à Praça da Sé, os professores queriam conversar com as pessoas, e elas diziam: "quanto menos derem a palavra para a universidade, melhor será para nós" (risos). Pensamos: "o povo não sabe o que fazemos, então qual é a importância que temos para eles?". Agora estou trabalhando no projeto Brasil/Canadá, voltado para a formação de catadores de resíduos sólidos. É um convênio com a Universidade de Vitória, no Canadá e a USP, sediado na Faculdade de Educação. Trabalhamos durante quase três anos em cima disso, formando e fazendo reuniões com os catadores, com recursos fornecidos pelo Canadá. Depois de muito trabalho, eis que aparece a proposta de incineração do lixo! Qual é o benefício da incineração do lixo para a população em geral, para a economia dos municípios, para o aumento da poluição do ar, para as empresas que reciclam papelão, plásticos, latinhas e, sobretudo, qual o problema social

que a categoria "catador" irá enfrentar? Essa é uma questão que deve ser discutida pela universidade, pelas escolas, enfim por toda a população.

AC: *A gente fez um trabalho em Guarulhos com os catadores de lixo e essa discussão também está sendo feita lá.*

Profa Nídia: A coleta seletiva existe em algumas cidades, mas é mais fácil incinerar. Em São Bernardo do Campo, o prefeito só quer saber de incineração, está pressionando para que os catadores desapareçam. Para essa camada da população é o seu único meio de sobrevivência. Se perder esse meio de vida o que vai acontecer do ponto de vista social? Em São Bernardo dizem que o trabalho das cooperativas é sujo e perigoso, a vigilância sanitária está todo dia visitando as cooperativas de catadores e pressionando o seu fechamento. Neste momento duas coisas são importantes para mim: a formação dos meus alunos de pós-graduação, merecedores de todo o meu apoio e esse projeto voltado para os catadores e a coleta seletiva. São projetos que se integram no âmbito da universidade.

AC: *Para encerrar nossa entrevista, diante da complexidade do século XXI, quais os desafios pra se formar um(a) professor(a) de Geografia?*

Profa Nidia: Os desafios são muitos, porém o que mais me preocupa é a pressão dos diferentes governos, tanto municipais como do Estado sobre os professores, em especial aqui em São Paulo. Nós da universidade continuamos, até mesmo na época da ditadura, a pesquisar, a produzir conhecimento e vamos continuar fazendo isso, mas o que tenho medo é a distância que as instituições de ensino superior têm das escolas e das políticas públicas perversas. Em São Paulo nós temos muitas escolas particulares, mas no restante do Brasil, a escola pública é uma realidade em todos os níveis e modalidades de ensino. À exceção das capitais e grandes cidades, no interior do Brasil predomina a escola pública. As crianças, os adolescentes têm direito a uma boa escola e eu não confio nos governantes para garanti-la. Teríamos que desenvolver uma organização política mais forte e reivindicatória na defesa de uma escola pública que realmente forme nossos professores e nossas crianças com criatividade, com produção de

conhecimentos, com leituras, com críticas, com autonomia. O desafio não é só da Geografia e sim, de todas as áreas do conhecimento, porque se a escola estiver frágil em uma área ela vai estar frágil em tudo. Não adianta ser bem formado em Geografia e dar aula numa escola completamente desorganizada. Se as pessoas se preocuparem politicamente com a nossa escola pública, poderão fazer dela uma escola boa. Em relação às apostilas em São Paulo, é preciso desvendar que política governamental está por trás desses materiais. Desde 2008, com a introdução das apostilas, o governo consegue interferir na sala de aula e no trabalho dos professores. O tempo do professor, o tempo do aluno, o que ele tem que aprender deve ser pensado por todas as escolas. Em São Paulo, há 16 anos, os professores e as escolas têm sido cada vez mais controlados pelos governos. Ser um professor hoje é muito mais difícil do que quando entrei para o magistério público na década de 1960. Tenho vários alunos que passaram nos primeiros lugares nos concursos do Estado de São Paulo e que não aguentaram ficar na escola, pediram exoneração, mesmo sendo pessoas bem formadas. Está implícito que a escola pública é a escola dos pobres e que não precisam de bons professores, segundo alguns. Maria Luiza Marcílio, historiadora da USP, escreveu uma matéria no Estado de São Paulo, em 16 de fevereiro de 2004, portanto, há quase uma década, denominada: SEM PROFESSORES? afirmando que salário baixo, violência e superlotação nas salas de aula afastaram os novos educadores. E hoje, as políticas públicas mudaram? Na verdade, isso não significa que antes a escola era melhor que hoje, ela era diferente, porque as condições históricas e educacionais também o eram, mas o que me preocupa é a constatação de que as políticas públicas deixaram à escola nas condições precárias atuais.

AC: *Agradeço professora Nidia por sua paciência e por ter concedido essa entrevista para a Revista Brasileira de Educação em Geografia, obrigado.*